

# **ATIVISMO DIGITAL EM ÂMBITO REGIONAL: UM ESTUDO SOBRE A PRESENÇA ONLINE DE MOVIMENTOS SOCIAIS NO INTERIOR DE MINAS GERAIS<sup>1</sup>**

Lara Viana<sup>2</sup>  
Rayza Sarmento<sup>3</sup>

**Resumo:** Este trabalho objetiva compreender as dinâmicas do uso da internet por diferentes movimentos sociais de Viçosa/MG/Brasil e região. Para isso, analisamos as páginas no Facebook de quatro movimentos sociais (581 posts) e realizamos entrevistas semiestruturadas com quatro ativistas responsáveis pela comunicação destes movimentos. Amparadas na literatura sobre movimentos sociais, ativismo e internet, procuramos compreender os usos da rede social pelos movimentos a partir de três fenômenos: informação, mobilização e organização. Concluímos que os movimentos sociais utilizam a rede social para circular narrativas, novos discursos, contrainformações e para mobilizar seus interlocutores para causas, campanhas e ações de protestos.

**Palavras-chave:** movimentos sociais; ativismo online; internet; mobilização

---

<sup>1</sup> Esta pesquisa foi apoiada pela FAPEMIG, como parte do projeto contemplado com Edital Universal (APQ-02821-18) e por meio de bolsa de iniciação científica (BIC-2018)

<sup>2</sup> Mestranda em Ciência Política pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: laraviana.cis@gmail.com

<sup>3</sup> Professora da Faculdade de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: rayzasarmento@gmail.com

## **REGIONAL DIGITAL ACTIVISM: A STUDY ON THE ONLINE PRESENCE OF SOCIAL MOVEMENTS AND MINAS GERAIS - BRAZIL.**

**Abstract:** This work analyzes the dynamics of internet use by different social movements in Viçosa/MG/Brazil and region. For this, we analyzed the Facebook pages of four social movements (581 posts) and conducted semi-structured interviews with four activists responsible for communicating these movements. Based on the literature on social movements, activism and the internet, we seek to understand the uses of the social network by movements based on three phenomena: information, mobilization and organization. We conclude that social movements use the social network to circulate narratives, new discourses, counter-information and to mobilize their interlocutors for causes, campaigns and protest actions

**Keywords:** social movements; online activism; Internet; mobilization

## 1. INTRODUÇÃO

Muitas ações coletivas emergiram ou se potencializaram à medida que a internet possibilitou a difusão de ferramentas para a transmissão de informações, construção de narrativas, mobilização de pessoas para o ativismo, bem como a ampliação de espaços de discussões a essas diferentes formas de articulações políticas.

Essa difusão fomentou a emergência de debates sobre os usos que tais coletivos fazem das novas tecnologias de informação e comunicação (NTIC's), para expressarem e enquadrarem suas diversas motivações, demandas e indignações (Castells, 2003; Gomes, 2016; Sampaio et al., 2016). Os autores que analisam esse fenômeno se concentram, em linhas gerais, no estudo interseccional da Comunicação e Política, principalmente no campo de internet e política. As discussões da literatura abordam como novas formas de organização emergem a partir dessas redes sociais e de qual modo movimentos já existentes marcam cada vez mais presença no âmbito digital (Castells, 2013; Gomes, 2016; Sampaio et al., 2016; Ruskowski et al., 2020).

A presente temática tem assumido relevância tanto no campo acadêmico como no social, sobretudo devido aos protestos que se espraiam (Castells, 2013; Gomes, 2016; Sampaio et al., 2016; Tatagiba e Galvão, 2019). Além disso, é consenso na literatura de ativismo e internet que as redes de movimentos sociais utilizam, cada vez mais, as ferramentas digitais para fortalecer as lutas sociais contemporâneas, superar constrangimentos financeiros, temporais e espaciais, além de ampliar atividades a níveis antes pouco conjecturados (Pereira, 2011; Gomes, 2016).

Nesse cenário, em que se compreende a importância da internet para a disseminação de conteúdos e informações, bem como suporte para organização de ações coletivas - de forte potencial democrático (Luvizotto, 2016), faz-se importante entender as diferentes formas do uso de plataformas digitais pelos movimentos sociais nas sociedades contemporâneas. Nesse sentido, este trabalho pretende desvelar as dinâmicas do uso da internet por diferentes movimentos sociais da cidade de Viçosa/MG e da região da Zona da Mata Mineira<sup>4</sup>, adicionando assim uma reflexão sobre contextos locais de ativismo digital, dimensão sobre a qual há pouca literatura disponível.

Para tanto, o presente estudo realizou uma análise de conteúdo nas páginas do *Facebook* de quatro movimentos sociais (Marcha Mundial das Mulheres Núcleo Viçosa, Movimentos dos Atingidos por Barragens - Minas, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – Minas Gerais e Quem Luta Educa – Viçosa), com o total de 581 postagens, e entrevistas semiestruturadas com quatro administradores, responsáveis pelas páginas das redes sociais digitais de cada movimento.

---

<sup>4</sup> A Zona da Mata Mineira é uma região localizada no estado de Minas Gerais, sudeste brasileiro, que abrange uma área de aproximadamente 35,7 mil km<sup>2</sup> e possui cerca de 2 milhões de habitantes. Viçosa está localizada nessa região, possui 72220 habitantes e é conhecida como uma cidade universitária, por abrigar uma instituição federal com o mesmo nome do município. Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/vicosa/panorama>. Acesso em 12.06.21.

O trabalho se estrutura em três seções, além desta introdução e das considerações finais: primeiramente, contextualizamos os estudos sobre movimentos sociais no Brasil e os entrelaçamentos entre ativismo e internet, com o objetivo de fornecer um panorama dessa agenda de pesquisa. Na segunda seção, descrevemos o desenho de pesquisa, métodos, recorte empírico e o processo de coleta dos dados. A terceira seção é dedicada à análise onde apresentamos a presença digital dos movimentos no *Facebook* e buscamos compreender o intuito de cada movimento ao utilizar ferramentas digitais e os papéis atribuídos por eles à internet.

## 2. MOVIMENTOS SOCIAIS, ATIVISMO E INTERNET

A democracia brasileira é marcada pela agência dos mais diversos movimentos sociais (Scherer-Warren, 2006; Avritzer, 2012; Tatagiba e Galvão, 2019). De acordo com Pereira (2012), os movimentos sociais contemporâneos possuem o papel de fomentar a democratização das relações sociais dentro da sociedade civil, por meio de normas, redefinições de papéis sociais, difusão de modos de interpretação dos discursos existentes nessa esfera, além da mobilização para influenciar desenhos de políticas públicas. Bringel e Teixeira (2005), por sua vez, relacionam o interesse pelos estudos nesse campo no Brasil às mudanças ocorridas na conjuntura política nacional.

A construção desse campo de estudos no Brasil é iniciada em meados da década de 1970, quando os movimentos ganharam centralidade devido à luta contra a ditadura e, posteriormente, o contexto de redemocratização na década de 1980 (Bringel e Teixeira, 2015). Mobilizamos neste trabalho a ideia de Scherer-Warren (1987), em que movimento social pode ser entendido como uma ação de um grupo direcionada para a “transformação (a práxis); voltada para a realização dos mesmos objetivos (o projeto), sob a orientação mais ou menos consciente de princípios valorativos comuns (a ideologia) e sob uma organização diretiva mais ou menos definida (a organização e sua direção)” (1987: 20).

Os primeiros estudos sobre movimentos sociais foram marcados por uma abordagem marxista (ou histórico estrutural), baseada na categoria “classe” como chave explicativa, sendo que grande parte das produções se referiam ao movimento operário, principalmente as lutas sindicais (Bringel e Teixeira, 2015; Gohn, 2014).

A partir de 1980, novos problemas e outros sujeitos passaram a ganhar destaque, a exemplo as lutas ambientalistas, feminista, de defesa dos direitos humanos (Bringel e Teixeira, 2015; Gohn, 2014; Scherer-Warren, 2005). Segundo Scherer-Warren (2005: 16), o “enfoque [...] a luta de classes cede lugar às interpretações em termos de lutas históricas nacional-populares”. Esses movimentos tiveram relevância durante o regime autoritário por levantarem questões do cotidiano e as transformar em “demandas políticas e em instrumento de defesa dos direitos de cidadania ou de contestação do autoritarismo” (Scherer-Warren, 2005: 115), além de abrirem espaço de manifestação política a novos atores sociais. Nesse contexto de redemocratização, tem-

se então o fortalecimento de grupos políticos existentes, emergência de novos atores e reconfigurações de movimentos e articulações já existentes (Avritzer, 2012; Pereira, 2012).

Neste cenário, Melucci (1989) avança na compreensão de movimento social ao lançar mão das noções de cultura e identidade para evidenciar as razões que levam os indivíduos a participarem de determinado movimento, além das influências de condições ideológicas e políticas de diferentes contextos. O autor esclarece que as sociedades complexas não têm apenas uma base “econômica”, mas se “produzem por uma integração crescente das estruturas econômicas, políticas e culturais” (1989: 58). Os conflitos sociais que antes eram lidos centrados no sistema econômico, começam a afetar a “identidade pessoal, o tempo e espaço na vida cotidiana, a motivação e os padrões culturais da ação individual” (ibidem).

Nos anos de 1990, outras formas de organizações populares despontaram, e a produção teórica deslocou suas análises para o associativismo local, por meio das organizações não governamentais (ONGs) e organizações do terceiro setor (Gohn, 2014; Scherer-Warren, 2006). Nesse processo, o conceito *rede de movimento social* é desenvolvido para explicar as lógicas de ação coletiva e as articulações de diferentes sujeitos, que possuíam o intuito de formar movimentos mais amplos, redes de solidariedade, de pressão e resistência, entre diferentes organizações da sociedade civil (Gohn, 2014; Scherer-Warren, 2005).

As análises voltadas para o alcance da ação política em rede (ainda apenas no sentido *offline* do termo), ganharam destaque nos estudos dos movimentos sociais durante esse período. Além disso, a partir da década de 1990, as categorias *sociedade civil* e *esfera pública*<sup>5</sup> passaram a ser acionadas para explicar, de modo mais amplo, a ação coletiva de diferentes organizações e grupos (Avritzer, 2012; Bringel e Teixeira, 2015).

Nesse mesmo período, diferentes autores passaram a falar da importância de uma análise mais atenta para o uso das tecnologias de informação e comunicação pelos movimentos sociais. Manuel Castells foi um dos primeiros autores a abordar o ativismo em rede como uma nova forma de atuação política e social, que concebia a internet um meio privilegiado para os movimentos atuarem, recrutarem e informarem (Araújo, 2011; Castells, 2003). Scherer-Warren (2005) também chamava atenção para o uso que os movimentos organizados da sociedade civil estavam fazendo dessas tecnologias de informação e dos meios de comunicação.

Finalmente, creio que as perspectivas de análise dos movimentos sociais para os anos 1990 devem considerar o papel das tecnologias de informação e dos meios de comunicação de massa nas formas de organização da sociedade civil, mesmo porque este campo teve um desenvolvimento notável nos últimos anos. Resta verificar em maiores detalhes, tanto nos meios de comunicação de massa como na imprensa alternativa, os espaços de massificação, de uniformização, de consolidação de ideologias dominantes versus espaços de contestação das formas de dominação ou discriminação, de difusão de propostas alternativas de

---

<sup>5</sup> Conceitos polifônicos, empregados muitas vezes com propósitos distintos. Não é do escopo deste trabalho entrar nos meandros desse debate. Para isto, ver Mendonça, 2011.

vida social, de novos valores universalizáveis de acordo com os interesses dos novos atores coletivos mencionados bem como o espaço para formação e comunicação das redes de movimentos (Scherer-Warren, 2005: 25).

Os estudos sobre movimentos sociais e internet integram um campo de conhecimento mais amplo acerca da *democracia digital* (Silva et al., 2016), um conceito “empregado para referir-se à experiência da internet e de dispositivos que lhe são compatíveis, todos eles voltados para o incremento das potencialidades de participação civil” na vida pública (Gomes, 2005: 217). Nessas definições, segundo Silva et. al. (2016), é possível identificar duas ênfases distintas. A primeira, *institucional*, refere-se às relações e ao impacto da internet entre o cidadão e o sistema político, e à forma como o Estado fornece serviços aos representados. Já a segunda vertente, *social*, ligada aos processos de engajamento político, construção de cidadania, fortalecimento da esfera pública e apropriação política das ferramentas digitais é a que trabalhamos nesta pesquisa.

As revoltas Zapatistas são tomadas como marco da relação entre internet e ativismo e suscitaram uma grande discussão sobre as possibilidades democráticas das tecnologias *online*, por terem inflamado o imaginário social a respeito do tema *internet e sociedade* (Gomes, 2016), ao utilizarem “a rede para divulgar suas causas, buscar o apoio da sociedade civil e estabelecer uma rede de solidariedade internacional” (Pimenta e Rivello, 2008: 7), no contexto de controle ditatorial das informações no México, nos anos 1990.

A partir daí, passando por Seattle (1999), pela queda do presidente das Filipinas, Joseph Estrada (2001), pelos contextos da Primavera Árabe, os Indignados na Espanha (2011) e o *Occupy Wall Street* (2011), a agenda sobre o uso de ferramentas digitais por ações coletivas avança. Todos esses acontecimentos possuíram um componente em comum: as mobilizações e coordenações dos protestos de rua iniciaram com o uso das redes sociais digitais (Castells, 2013; Alcântara, 2015).

Essas formas de mobilização que nasceram e foram alimentadas na internet, passaram de um caráter otimista, devido às expectativas com seus potenciais democráticos, à crítica do “*ativismo de sofá*”, por tratarem de ações que se limitavam apenas ao digital e não geravam uma mobilização ou engajamento. Essa análise, de acordo com Sebastião e Elias (2012), devia-se ao fato de gerarem nas pessoas uma sensação de participação social preguiçosa (*slacktivism*) e poderem causar um impacto na sociedade com apenas um clique. No entanto, com a grande repercussão de mobilizações realizadas a partir internet, que induziram a queda de governos ditatoriais em países do oriente médio, como Egito, Tunísia, Líbia e Síria, o termo *slacktivism* foi caindo em desuso para explicar o engajamento coletivo.

Ao olharem para o uso da internet por ações coletivas, Van Laer e Van Aelst (2010) argumentam que a internet modificou os repertórios de ação dos movimentos facilitando as dinâmicas que permitem alcançar mais rapidamente um maior número de pessoas, além de criar ou adaptar ferramentas para o ativismo.

[...] por um lado, a internet facilita e apoia a ação coletiva offline tradicional em termos de organização, mobilização e transnacionalização e, por outro lado, cria novos modos de ação coletiva. De fato, a internet não apenas apoiou ações tradicionais de movimento social offline, como as manifestações clássicas de rua, e as tornou mais transnacionais, mas também é usada para configurar novas formas de atividades de protesto *online* e para criar modos *online* das ações de protesto offline existentes. Assim, a internet expandiu e complementou o 'repertório de ação coletiva' do movimento social de hoje (Tilly 1984; McAdam et al. 2001). As atividades virtuais podem variar de petições *online* e atentados por e-mail, sit-ins virtuais a invadir sites de grandes empresas, organizações ou governos (Van Laer e Van Aelst, 2010: 2, tradução própria).

Ao mesmo tempo, os autores evitam um otimismo ingênuo em relação aos potenciais democráticos da internet, levando em consideração, como exemplos, o problema da desigualdade ao acesso e a incapacidade de criar confiança e laços fortes entre os atores, necessários para a construção de uma rede de ativismo sustentável. Nesse sentido, concordamos com Prudencio e Junior (2015: 5) ao afirmarem que "com as tecnologias digitais, o leque de estruturas de mobilização se amplia", mas é importante observar como permanecem dependentes "de processos de interação e comunicação, seja face a face, seja à distância por intermédio de dispositivos tecnológicos."

Castells (2013), ao destacar a função das redes sociais para mobilização das manifestações no Brasil em junho de 2013, evidencia as características dos protestos: movimentos multifacetados devido às diversas formas de reivindicações sociais, agrupamentos ideológicos e projetos políticos. Já a relação entre a singularidade e coletividade desses protestos, fortemente marcados pela individualização, é trazida por Mendonça (2017). É importante ressaltar que as manifestações convocadas pela internet no Brasil, pós 2013, têm sido cada vez mais comuns. No contexto das eleições de 2018, diversas pessoas foram às ruas, em diferentes manifestações, com pautas pró e contra o governo atual – todas atravessadas pelo uso da internet.

Ao analisar o que ocorreu no Brasil a partir de 2013, Scherer-Warren (2014), argumenta que "uma das diferenças está na convocatória pelas redes sociais virtuais, o que trouxe o povo para rua quase em tempo real, ampliando o número de manifestantes e os locais de protestos" (2014: 417). Mas como outros autores, seu posicionamento é mais pessimista, ao atentar para a forma como a internet se tornou um meio para as manifestações, mas que por si só, não explica o sentido político da ação dos indivíduos.

Os jovens vêm se manifestando cada vez mais pelas redes sociais, na internet, usando o suporte das novas tecnologias para se organizar. Mas isso tem sido, acima de tudo, um meio, e não explica o sentido político da ação, ou melhor, o sentido pode ser conflitivo ou antagônico numa mesma rede ou entre sub-redes, como resultante transversalidade desse tipo de comunicação. Além disso, as redes virtuais divulgam, convocam e expressam posicionamentos, mas quase

nunca possibilitam o aprofundamento do debate político, ainda que, em algumas situações, é no interior de sub-redes que interagem com outras sub-redes que mensagens conflitivas aquecem o debate (Scherer-Warren, 2013: 420).

Nesse sentido, a autora afirma que “as redes presenciais dos MS organizados continuam tendo um papel político e pedagógico relevante e são, frequentemente, espaços para aprofundar os debates” (Scherer-Warren, 2013: 420).

No Brasil, Tatagiba e Galvão (2019) realizaram o esforço de entender esses fenômenos a partir de uma “abordagem integrada de protestos, que busca articular a teoria do confronto político à teoria marxista, associando economia e política, classe e outros pertencimentos, trabalho e movimentos sociais, o nacional e o global” (2019: 64). De acordo com as autoras, essa abordagem permite identificar relações entre os diferentes movimentos sociais, em suas diversas faces, como movimentos ligados ao trabalho, ou identidades “de modo a explorar tanto as especificidades quanto as similaridades e conexões entre diferentes movimentos e ondas de mobilização” (ibidem). Mais especificamente voltada às formas de ativismo feminista digital, Sarmento (2021) documenta os fenômenos articulados diretamente às demandas feministas, que envolvem desde o uso, letramento e ocupação crítica das plataformas *online*, ao ativismo de campanha e *hashtag*, passando pela construção de grupos de solidariedade e apoio, bem como sendo atravessados por dinâmicas de violência digital de gênero.

O que grande parte desses autores ressalta ao estudarem ativismo e internet é que a emergência desses eventos não pode ser explicada apenas pelo uso das redes sociais, apesar de serem atravessados por elas. É notório que essas tecnologias proporcionam uma facilidade nos processos de expansão e adesão aos movimentos, que transcendem as práticas realizadas offline. Nesse sentido, é fundamental um olhar mais atento às experiências ativistas a partir da internet e de como essa ferramenta transforma as configurações de diferentes movimentos sociais.

### 3. NOTAS METODOLÓGICAS

Como já enfatizado, poucos estudos sobre internet e ativismo se voltam para escalas locais ou subnacionais. Por isso, nosso estudo analisa quatro movimentos sociais que atuam na cidade de Viçosa e região da Zona da Mata Mineira. Com expressivo número de municípios pequenos (menos de 10 mil habitantes), baixa renda *per capita*, economia marcada pela produção agrícola, sobretudo com o café, e onde se situam também duas grandes instituições federais de ensino superior mineiras (UFV e UFJF), a região é marcada por uma evidente força da ação coletiva em diferentes formatos, com organizações clássicas de movimentos sociais até as mais recentes como os coletivos. Assim, integram nosso corpus de análise, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) região da Zona da Mata Mineira, Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) Minas Gerais, Marcha Mundial das Mulheres (MMM) Núcleo Viçosa, e Quem Luta Educa.

Na escolha dos movimentos, levamos em consideração o momento histórico em que surgem. Neste sentido, como movimentos tradicionais, nos quais as reivindicações principais encontram-se voltadas para questões de classe social ou econômicas, analisamos o MAB Minas e o MST Zona da Mata. A Marcha Mundial das Mulheres Núcleo Viçosa é pensada em um cenário de novos movimentos, que apresentam pautas relacionadas à expansão de direitos. Já o Quem Luta Educa, surge em um contexto recente, como uma rede de movimentos e engloba vários movimentos da região, como a própria Marcha, o MAB, MST, movimentos estudantis, entre outros.

No intuito de averiguar a dinâmica desses movimentos diante do contexto das NTIC's, construímos o material empírico de duas formas: na primeira coletamos *posts* nas páginas de cada movimento na rede social *Facebook*; na segunda realizamos entrevistas semiestruturadas, com uma ativista responsável pela administração da página de cada movimento social definido. Desse modo, o *corpus* da pesquisa é composto por quatro entrevistas e 581 *posts* coletados nas páginas do *Facebook* dos quatro movimentos sociais. A análise da produção *online* dos movimentos junto das entrevistas se aproxima da pesquisa desenvolvida por Borges et. al. (2014) com as organizações da sociedade civil de Salvador. Assim, além de observar a atuação pública do conteúdo digital, por meio dos *posts* da rede social escolhida, buscamos também entender as interpretações dos responsáveis pela comunicação dos movimentos.

As coletas no *Facebook* foram realizadas em dois momentos, em novembro de 2018 e em maio de 2019, por meio do aplicativo Netvizz<sup>6</sup> (Alves, 2016). Coletamos as postagens realizadas pelos movimentos no período de um ano - abril de 2018 a abril de 2019<sup>7</sup>. Definimos o período de coleta a partir de abril de 2018 por se tratar do mês de criação da página Quem Luta Educa - Viçosa. Esse recorte foi necessário para coletarmos dados no mesmo período temporal nas quatro páginas.

A partir da coleta, organizamos um banco de dados com 21 variáveis<sup>8</sup>. No tratamento dos dados, realizamos análises estatísticas descritivas através do *software* STATA. Para o preenchimento do banco, realizamos uma análise de conteúdo textual, visual e audiovisual dos casos para entender o conteúdo expresso nas postagens. As entrevistas semiestruturadas, feitas com os ativistas responsáveis pela administração das redes sociais dos movimentos, tiveram o intuito de compreender, a partir das vozes desses atores, quais os usos feitos da plataforma e quais papéis atribuem à internet para a manutenção do movimento social.

Para a execução das entrevistas, iniciamos contato pelas páginas de cada movimento. A partir daí, cada interação com cada ativista ocorreu de modo diferente. As entrevistas com o Quem Luta Educa e da Marcha Viçosa ocorreram de modo presencial em Viçosa-MG. Já as entrevistas

---

6 Ferramenta (API) para o *Facebook* que permitia extrair dados de páginas, grupos e usuários da rede social. O aplicativo foi extinto pela rede social poucos meses após a coleta dos dados.

7 Durante a análise, diversos casos foram excluídos da rede social ou tiveram os links corrompidos/quebrados.

8 Para construção do banco de dados, coletamos informações como: movimento social; página no *Facebook* e link de acesso; link e data da postagem; informação proveniente de mídias tradicionais (como jornais); número de interação da postagem; postagem com imagem ou vídeo; *post* de divulgação de evento; fenômenos da postagem e assunto.

com as ativistas do MST Zona da Mata e do MAB foram realizadas de forma *online*, por meio de áudios através do aplicativo *Whatsapp* e pelo bate-papo do *Facebook*, respectivamente<sup>9</sup>.

Empregamos a análise de conteúdo (AC) - para análise dos casos e das entrevistas -, a fim de organizar e interpretar nosso objeto a partir de categorias analíticas previamente definidas, e desse modo, perceber as diferentes dimensões do fenômeno social estudado (Bauer, 2002; Cavalcante et al., 2014).

## 4. ANÁLISE

### 4.1 Presença digital dos movimentos sociais

As páginas dos movimentos MST Zona da Mata e MAB Minas Gerais criadas em 2014, com abrangência a nível regional e estadual, apresentam maior número de casos coletados (tabela 1) e número de curtidas (tabela 2). Já as páginas dos movimentos MMM Núcleo Viçosa e Quem Luta Educa, iniciadas em março e abril de 2018, respectivamente, têm como público principal a cidade de Viçosa. Ambas as características das *fanpages* – tempo de existência e local que abarcam – permitem que os dois primeiros movimentos sociais alcancem um maior número de pessoas.

**Tabela 1:** Número de casos por movimento social

<b>Movimento</b>	<b>Nº de casos coletados (posts)</b>	<b>Percentual</b>
MAB Minas Gerais	267	46%
MST Zona da Mata	181	31%
Quem Luta Educa – Viçosa	93	16%
MMM Núcleo Viçosa	40	7%
Total	581	100%

**Fonte:** Dados da pesquisa.

As entrevistas mostraram que, além dos fatores geográficos, a estrutura organizacional dos movimentos – ativistas com funções bem delimitadas na organização – influencia na forma

<sup>9</sup> Essa abordagem foi necessária devido à distância de localização entre as cidades de entrevistador/entrevistado.

que as redes sociais são administradas e conseqüentemente, na periodicidade e quantidade de postagens realizadas nas páginas. Este ponto será retomado na próxima seção da análise.

Em termos de engajamento das páginas – curtidas, comentários e compartilhamentos – notamos números bem baixos em relação ao número de pessoas que seguem os movimentos na rede social.

**Tabela 2:** Data de criação e número de seguidores das páginas e média de interações dos casos analisados

Movimento	Data de criação das páginas	Nº de seguidores das páginas	Média de engajamento por posts		
			Curtidas	Comentários	Compartilhamentos
MST Zona da Mata	25 abril 2014	2345	25,2	1,0	6,4
MAB Minas Gerais	14 agosto 2014	3097	17,2	0,9	12,9
MMM Núcleo Viçosa	24 março 2018	289	7,5	0,5	2,8
Quem Luta Educa	14 abril 2018	261	1,8	0,1	0,5

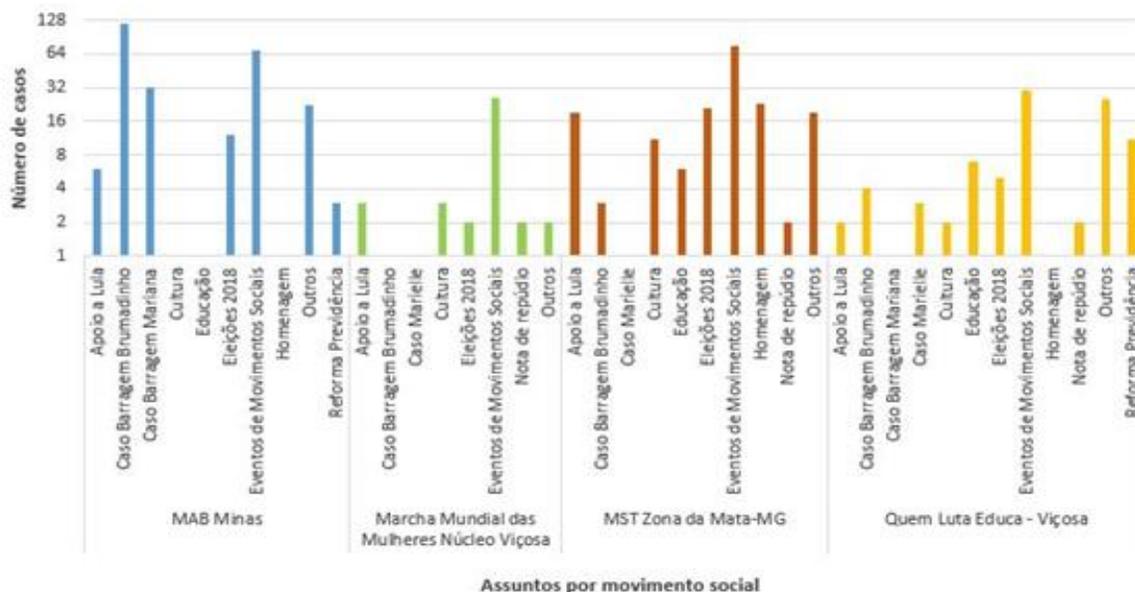
**Fonte:** Dados da pesquisa.

A primeira causa da baixa interação pode ser explicada pelo uso da própria plataforma. Isso porque *Facebook* possui duas formas de divulgação do conteúdo: 1) orgânico: referente ao alcance das postagens não pagas feitas nas páginas, limitadas pela própria rede social; 2) pago: indica o conteúdo pago para gerar impulsionamento, para que as postagens alcancem mais pessoas (Delo, 2013). Como os movimentos sociais analisados utilizam apenas a opção de divulgar conteúdos orgânicos na rede, isso obviamente limita o alcance de suas publicações para as interlocutoras e para pessoas que não acompanham e seguem as páginas.

A segunda explicação diz respeito aos conteúdos e assuntos apresentados nas páginas. Buscamos identificar os principais assuntos que atravessavam o uso da rede social pelos movimentos para compreender, além da baixa interação, de quais principais temáticas eles se ocupavam.

A partir da leitura de cada postagem, criamos 11 categorias que contemplassem os principais temas acionados pelos MS nos casos coletados. O gráfico 1 informa o número e assuntos dos casos analisados por movimento social, a partir da categoria aos quais foram enquadrados.

**Gráfico 1:** Assuntos dos casos por movimento social



**Fonte:** Dados da pesquisa.

O assunto de maior ocorrência - eventos - foi encontrado nos quatro atores analisados, e dizia respeito às mais diversas formas de ações realizadas pelos movimentos sociais. Para categorizar esse assunto levamos em consideração, além de convocações, eventos que já haviam ocorrido e que foram postados no intuito de informar suas interlocutoras. É interessante notar nesse ponto como os MS utilizam o *Facebook* para divulgar suas pautas e eventos, mas os encontros presenciais continuam ocorrendo, o que corrobora com o argumento de Scherer-Warren (2013). A autora afirma que os encontros presenciais se mantêm necessários para os movimentos sociais para aprofundar os debates, os espaços de discussão política, além do importante papel pedagógico que cumprem, além de apontar para o uso da internet como um meio de fortalecimento, e não substituição, desses espaços. Apresentamos abaixo alguns casos que exemplificam este assunto:

Nós da Marcha Mundial das Mulheres: núcleo viçosa estivemos presentes no dia 8 de março unificado em Belo Horizonte!

Seguiremos em marcha até que todas sejamos livres! (MMM NÚCLEO VIÇOSA, 13 mar 2019, caso 12).

## BR PLENÁRIA PARA ORGANIZAÇÃO DA RESISTÊNCIA BR

Frente Brasil Popular - Juiz de Fora

O momento exige unidade de todo o campo democrático popular, para o fortalecimento da luta contra o fascismo, a retirada de direitos da classe trabalhadora e a ameaça às liberdades políticas.

No último período, milhares de pessoas se mobilizaram através da campanha de Fernando Haddad/Manuela D'Ávila. Essa mobilização não pode se dispersar e será o fator multiplicador da resistência que já formamos até aqui.

Por isso, convocamos todas e todos a participarem da Plenária da Frente Brasil Popular, para avaliar o cenário político e organizar os próximos passos na luta.

A luta continua!

 Terça feira, 06 de novembro, às 18h30.

 Sindicato dos Bancários - Rua Batista de Oliveira, 745 – Centro (MST ZONA DA MATA, 5 nov 2018, caso 379).

O segundo assunto de maior ocorrência - caso barragem Brumadinho - também foi encontrado nas publicações dos quatro MS estudados. A grande proporção desse assunto demonstra a dedicação dos movimentos sociais, especialmente do MAB Minas, em acompanhar de perto os atingidos, divulgar, denunciar e envolver as pessoas para um dos maiores crimes ambientais do Brasil, causada pela empresa de mineração Vale, que matou 259 pessoas e deixou outras 11 desaparecidas<sup>10</sup>. O mesmo acontece com o “*caso barragem Mariana*”, que apresenta maior frequência nas postagens do MAB Minas. A localização estadual dos movimentos e a força da mineração enquanto atividade econômica em Minas Gerais ajuda a explicar esse achado.

Percebemos também muitos casos relacionados às eleições 2018 (40), em que os principais objetivos eram realizar campanha para candidatos de partidos mais à esquerda do espectro político, especialmente o Partido dos Trabalhadores (PT). Além disso, nesses casos eles também circulavam a hashtag “#elenão”, um movimento de manifestação popular liderado por mulheres contra a candidatura do atual presidente do país, Jair Bolsonaro<sup>11</sup>.

A categoria “outros” merece atenção especial. Os 66 casos postados com baixa recorrência, revelam como em alguma medida os MS tentam acompanhar o fluxo de informações que circulam na internet, e, nessa tentativa, realizam um processo comunicacional com assuntos que não estão diretamente vinculados às suas pautas, mas dizem mais respeito sobre a conjuntura política brasileira. Ao buscar reagir mais à conjuntura, os movimentos criam conteúdo de modo acelerado, o que não possibilita um volume de casos para construção de uma outra categoria, contudo significa também que estes movimentos estão atentos às outras notícias e acontecimentos, em níveis locais e nacionais. Com isso, podemos pensar como os movimentos

---

10 [https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/09/25/interna\\_gerais,1189059/tragedia-de-brumadinho-completa-1-ano-e-8-meses-com-11-desaparecidos.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/09/25/interna_gerais,1189059/tragedia-de-brumadinho-completa-1-ano-e-8-meses-com-11-desaparecidos.shtml).

11 Notícia sobre o movimento #elenão: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45700013>.

sociais se tornam mediadores, tradutores ou amplificadores de informações políticas. Alguns exemplos de casos nessa categoria são citados abaixo:

Após o AI-5, todas as publicações dos veículos de comunicação eram proibidas ou liberadas pelos militares.

Em uma intervenção militar quem pode contar a verdade?

#DitaduraNuncaMais (MST ZONA DA MATA, 29 maio 2018, caso 458).

Notícia: 'Regime de recuperação fiscal' deixará MG de joelhos e não soluciona dívida com União:

Se Minas aderir ao RRF, vai abrir mão da discussão judicial; do patrimônio público; vai cortar gastos com a saúde e educação; penalizar os funcionários públicos e, no final, não vai resolver o problema da dívida com a União, pois, simplesmente, esta será suspensa e os encargos continuarão incidindo sobre a dívida mensalmente, ou seja, jogando o problema para o futuro (QUEM LUTA EDUCA, 21 fev. 2019, caso 261).

Lei Kandir já causou perdas de meio trilhão de reais aos estados:

Lei que isenta pagamento de imposto aos produtos não industrializados, incluindo a mineração, ocorreu um ano antes da privatização da Vale (MAB MINAS, 12 fev. 2019, caso 194).

Ao observarmos o conjunto de casos, uma característica marcante que notamos em comum aos quatro movimentos é que todos possuem redes de interação bem definidas, muito em função das pautas e identidade de cada MS. Toda estratégia de comunicação na rede social está direcionada a um público muito específico, conhecedor do MS, ocasionando o limite de alcance das postagens realizadas pelos MS.

Nesta perspectiva, Bittencourt (2015) versa sobre a utilização do *Facebook* por ações coletivas, e como as particularidades da rede social - já citadas neste trabalho -, não contribuem para as "possibilidades de engajamento e incremento da visibilidade das causas defendidas" (2015: 124). De acordo com a autora, os conteúdos que acessamos na internet possuem um processo de personalização de informações (*filter bubble*)<sup>12</sup>, "que inibe o acesso a conteúdos divergentes" e contraditórios (ibidem: 127). Segundo a autora, a estratégia em adotar o *Facebook* para aumentar a circulação de conteúdo dos movimentos, pode se tornar um agravante e diminuir, ao invés de aumentar, a visibilidade dos discursos dos coletivos, justamente devido às barreiras encontradas na apropriação da rede social, que torna os MS presos aos mecanismos de controle da rede.

---

12 Termo criado por Eli Pariser para dizer dos processos de personificação das informações a partir de algoritmos presentes em alguns sites, que observam as preferências, interações, afinidades de determinada pessoa e depois fornece informações ao usuário de acordo com as suposições do que ele gostaria de ver (Bittencourt, 2015).

Outro aspecto importante na apropriação da rede social, é notar como o conteúdo é transmitido aos receptores. O recurso visual, com fotos, imagens e ilustrações, configurou-se como principal recurso utilizado por todos os movimentos sociais. O MAB Minas e o MST Zona da Mata, mobilizam mais vídeos em seus conteúdos, enquanto a MMM Núcleo Viçosa e o Quem Luta Educa - Viçosa, realizam mais postagens com textos e *links* que direcionam para notícias. Além disso, ao analisarmos as origens desses conteúdos, notamos que 69% foram criados pelas próprias páginas (*posts* originais). Os *reposts* são sempre de outras páginas próximas ao movimento, como núcleos de outras regiões ou estados, ou do movimento nacional ao qual ele representa. Ademais, apenas 7% dos casos analisados eram provenientes de mídias tradicionais, como jornais e revistas, e a maior parte de mídias alternativas, como Brasil de Fato, Jornal GGN, entre outros. Ao encampar a disseminação desses conteúdos, os movimentos sociais reforçam ainda mais as bolhas e alcançam, cada vez mais, apenas o público já cativo das *fanpages*.

Em um último esforço para caracterizar a presença digital desses movimentos sociais, procuramos compreender os fenômenos das postagens dos movimentos sociais (tabela 3). Tal questão tratava-se de um ponto central na codificação e análise dos dados coletados. Observamos, a partir de categorização anterior (Sarmento e Viana, 2019: 18-19), quais das três dimensões relativas ao trabalho dos movimentos sociais na rede estava mais visível nos casos analisados: a) informação ("ampliação de narrativas, construção de contra-narrativas, disseminação de informação e contrainformação", b) mobilização ("capacidade de mobilizar pessoas para uma determinada causa, campanha; circulação de *hashtags*; construção de laços de solidariedade") ou c) organização "implicações da dimensão *online* na construção organizativa de um determinado coletivo/movimento/fluxo".

**Tabela 3: Fenômenos dos casos analisados**

Movimento	Fenômenos				Total de casos
	Mobilização		Informação		
	Caso	Percentual	Caso	Percentual	
MAB Minas Gerais	55	28,9%	212	54,2%	267
MST Zona da Mata	82	43,2	99	25,3%	181
Quem Luta Educa – Viçosa	26	13,7%	67	17,1%	93
MMM Núcleo Viçosa	27	14,2%	13	3,3%	40
Total	190	100%	391	100%	581

**Fonte:** Dados da pesquisa.

O primeiro resultado evidente na tabela 3 é que não existem casos referentes à **organização**, isto é, publicações sobre a construção organizativa dos movimentos sociais. Em resumo, significa que os movimentos sociais não se organizam pelo *Facebook*. Mesmo em casos de eventos, os movimentos utilizavam a rede para divulgar e convocar as pessoas, mas não para organizá-los. Este é um resultado esperado, seja pela dinâmica de uso da plataforma e mesmo pelo fato de que, no cenário contemporâneo de ataques à sociedade civil e suas pautas pelo conservadorismo, vários movimentos estão recorrendo a tentativas de segurança de plataformas não comerciais para as atividades de organização. Isso se soma também ao tamanho da cidade de atuação, que permitia, em tempos anteriores à pandemia do covid19<sup>13</sup>, reuniões mais frequentes com deslocamento geográfico facilitado.

Em 190 casos, os MS mobilizaram pessoas para diversas manifestações, campanhas, eventos, circulações de *hashtags*, entre outras atividades. Como exemplos, um caso de evento, direcionado à **mobilização** de pessoas:

#### QUEM MANDOU MATAR MARIELLE FRANCO?!

Hoje após quase 1 ano do brutal assassinato da vereadora Marielle Franco, foi anunciada a descoberta e prisão de quem a executou. Os dois suspeitos são ex-militares, Ronnie Lessa recebeu uma moção de congratulações, aplausos e de louvor em 1998 e Élcio Vieira de Queiroz, outro suspeito de participação na morte de Marielle, foi expulso da PM.

Porém ainda nos cabe duas perguntas. Porque foi preciso quase um ano para se achar os executores dessa atrocidade? E a mando de quem?

Não basta sabermos quem a matou, é preciso saber quem mandou mata-la e a custo e interesse de que?

Nossa luta não vai parar agora, Marielle Franco está presente em todos nós, assim como muitas famílias e companheiros não descansaram diante do assassinato de jovens lutadores no período da ditadura militar, nós não descansaremos até que descubram quem mandou mata-la para que haja justiça.

Pela memória e justiça de Marielle Franco!

Não nos calarão!

CONCENTRAÇÃO DO ATO AS 16:30 EM FRENTE AO BERNARDÃO<sup>14</sup>. (QUEM LUTA EDUCA, 14 mar. 2018, caso 510<sup>15</sup>)

---

13 Este é um ponto importante a ser analisado em trabalhos futuros: como a pandemia alterou as rotinas de organização a partir do uso das redes digitais. No caso desta pesquisa, os dados foram coletados nos anos pré-pandemia.

14 Popularmente conhecido como Bernardão, o edifício Arthur Bernardes é o prédio administrativo da Universidade Federal de Viçosa (UFV).

15 Esta mesma postagem foi realizada pela MMM na mesma data (caso 9).

Casos dedicados à mobilização não necessariamente convidavam pessoas para eventos. Como exemplo, um caso enquadrado como mobilização dedicado a convocar pessoas para uma campanha de arrecadação:

📌 MAB faz campanha de arrecadação para enviar brigadas de apoio a Brumadinho

🔔 O objetivo é arrecadar fundos para garantir o envio de brigadas de apoio aos atingidos e familiares das vítimas, na garantia de seus direitos, em toda bacia do rio Paraopeba.

O MAB atua na organização de famílias atingidas por barragens em todo o Brasil, como os atingidos pela barragem de Fundão, que pertence a Samarco (Vale/BHP).

“O MAB precisa de recursos para fazer este trabalho. Estamos organizando brigadas de auxílio aos atingidos, em Brumadinho e municípios onde a lama está chegando”, diz Letícia Oliveira, da Coordenação Nacional do MAB (MAB MINAS, 30 jan. 2019, caso 225).

O maior uso da rede social pelos MS é para **informar**, divulgando reportagens de análises políticas, eventos ocorridos, datas comemorativas ou homenagens etc., como abaixo.

No fim de semana ocorreu o I Encontro Estadual de Mulheres do MAM - Movimento Pela Soberania Popular na Mineração - e a Marcha esteve presente! Juntas caminhamos bem melhor! Onde tem mulher tem luta!

Por um país soberano e sério, contra o saque dos nossos minérios!

Seguiremos em Marcha até que todas sejamos livres! (MMM NÚCLEO VIÇOSA, 16 abr 2018, caso 34).

O MAB é o movimento que mais apresenta casos referentes à informação, muito em função da divulgação que dedicaram a fazer nos dois casos de rompimentos de barragens, em Mariana/MG (2015) e Brumadinho/MG (2019), como apresentado no gráfico 1.

#### *4.1 O ativismo digital pelas lentes dos movimentos sociais*

Após a análise da presença digital dos movimentos sociais, buscamos compreender, a partir das entrevistas dos ativistas responsáveis pela administração das páginas, qual o objetivo dos movimentos nas redes digitais e quais papéis atribuem à internet, partindo do pressuposto que a apropriação das NTIC's faz parte do cotidiano atual dos MS, ao atravessarem e serem atravessados por elas (Castells, 2013).

Nosso primeiro objetivo foi no sentido de entender quais usos da internet pelos movimentos sociais, já que pela análise do *Facebook* havíamos averiguado que eles informavam e mobilizavam seus interlocutores, mas não utilizavam a ferramenta para a estrutura organizacional do movimento. O uso das entrevistas para complementar a análise de conteúdo anteriormente realizada se soma a uma preocupação identificada a partir da bibliografia sobre ativismo e internet: há muitos estudos voltados para a comunicação pública desses atores e ainda são poucos àqueles preocupados em ouvir suas interpretações acerca da agência digital; soma-se a isso o fato, já mencionado, de estarmos observando uma cidade de pequeno porte quando a concentração de pesquisas se volta àquelas maiores ou especialmente capitais.

A partir das entrevistas, conseguimos identificar dois diferentes usos da internet pelos MS. Um primeiro uso externo procura atingir pessoas externas ao movimento, a partir de redes sociais como o próprio *Facebook*, *Instagram*, *Youtube* e *Twitter*, justamente para informá-las sobre diversos assuntos e mobilizá-las para variadas campanhas. O segundo uso, de cunho interno, diz respeito à estrutura organizativa dos movimentos, construídos principalmente a partir de aplicativos de conversa criptografados, facilitando a construção de redes de movimentos, e as atividades dos grupos, em termos de tempo e custo.

Sobre a dimensão organizativa dos movimentos, os ativistas informaram sobre o uso de aplicativos de mensagens criptografadas (que não serão mencionados em função de segurança) como uma tentativa de criar canais de comunicação que garantam a opacidade das informações e privacidade dos ativistas. Estes aplicativos permitem a criação de *chats* privados, exclusão automática de mensagens e conversas, e não salvam os arquivos digitais nas memórias físicas do aparelho. Segundo as interlocutoras, alguns dados sigilosos, assuntos confidenciais ou mesmo informações pessoais, precisam ser protegidos, por serem tratados por atores dos sistemas policiais e de justiça como tentativa de crime organizado e terrorismo, o que coloca em risco a segurança das militantes.

Buscamos entender as funções atribuídas especificamente ao *Facebook*. De acordo com nossos entrevistados, todas as páginas surgem no sentido de dar visibilidade aos movimentos a partir de suas regiões, sem que fosse necessário enviar as postagens a uma página nacional ou estadual,<sup>16</sup>

Algumas proximidades podem ser percebidas no entendimento da rede a partir da pontuação de todos os ativistas: o *Facebook* é um espaço para mobilizar pessoas, mas também de disputa de narrativas e contrainformações, que não circulam nos grandes veículos de comunicação. Entendemos, como Prudencio e Junior (2015: 13) que "*mobilizar é um processo comunicacional*" e "*não se reduz a um processo impositivo*" dos atores da luta social.

A interlocutora da MMM Núcleo Viçosa aponta que o uso do *Facebook* é importante para suscitar um "*pensamento de direitos humanos comum*", ao mesmo tempo que buscam uma reação – positiva ou negativa – naqueles que não o possuem. Além disso, a rede social é muito utilizada

---

<sup>16</sup> No caso de pequenos eventos, como feiras ou atos, publicações em páginas nacionais não atingiriam o público local.

para dar visibilidade às ações realizadas, e servir como um propulsor para recrutar pessoas para o movimento e para as campanhas empreendidas por ele.

De acordo com a interlocutora do MST Zona da Mata, a página regional do movimento é importante para formar e informar as pessoas sobre a cultura de atuação do movimento, além de ser um canal de denúncias.

Para a interlocutora do MAB Minas, “o Facebook é usado como local de socialização na internet por grande parte da sociedade, inclusive os atingidos e atingidas por barragens” e nesse sentido, o movimento busca “fazer a disputa de narrativa do modelo energético, trazendo a ótica popular e dos movimentos sociais”. A atuação do Quem Luta Educa também é definida nessa perspectiva, pensando as pautas de atuação do movimento, como espaço não só para mobilizar e informar pessoas para protestos e atos, mas também para fornecer contrainformação.

Os principais temas levantados, nesse sentido, variam de acordo com as pautas e os acontecimentos que circundam os movimentos sociais. Para a MMM Núcleo Viçosa, os temas mais interessantes a serem tratados dizem respeito à conquista de políticas públicas para as mulheres da cidade de Viçosa/MG, a questões relativas ao enfrentamento à violência – que, de acordo com nossas análises, aparecem principalmente quando tratam dos eventos de movimentos sociais. Já o MAB Minas busca “denunciar as violações de direitos aos atingidos e atingidas; e anunciar suas conquistas, valores, modos tradicionais”. Percebemos isso muito claramente a partir do destaque dado pela página após os crimes ambientais ocorridos em MG em 2015 e 2019.

Identificamos, a partir das entrevistas com os interlocutores do Quem Luta Educa e da MMM Núcleo Viçosa, que as campanhas são sempre realizadas a partir de um alinhamento entre as páginas dos movimentos da cidade. Podemos notar uma evidente formação de rede de movimento social para a construção de redes de solidariedade e potencialização das pautas (Gohn, 2014; Scherer-Warren, 2005). Nesta rede, o Quem Luta Educa - Viçosa “deveria” ser o elo de diversas mobilizações em Viçosa. “Deveria” porque a organização ainda não consegue desenvolver essa atuação de forma eficaz.

A gente também desempenha as nossas campanhas virtualmente. Então se a gente quer mobilizar pra algum assunto, a gente mobiliza pelo Facebook e fazendo um alinhamento das páginas também. A gente nunca vai lançar, raramente a gente lança uma campanha sozinha. Então a gente vai ter sempre a Frente Feminista<sup>17</sup>, a gente vai ter o Quem Luta Educa, ou a ASPUV<sup>18</sup>. A gente tenta fazer essa mescla dentro do mundo virtual pra poder aumentar o nosso alcance (Comunicação pessoal, ativista da MMM Núcleo Viçosa, Viçosa, 2019).

A internet é um espaço importante de comunicação e interação de outros movimentos e outros grupos. É como se a gente tivesse uma página que é o Quem Luta Educa pra colher o que nós fazemos nas nossas entidades e publicizar

17 Rede de movimento composta por coletivos feministas, organizações políticas e ativistas.

18 Seção Sindical dos Docentes da Universidade Federal de Viçosa.

isso, fazer a militância virtual. Mas ao mesmo tempo as nossas páginas também, das nossas entidades, têm uma vida própria né. Então a página do Sind-ute, a página do Levante, a página da Marcha, elas e outras, vão tendo vida própria também. Então o Quem Luta Educa deveria ser um polo de potencialização, o que a gente já faz, entendendo que ele atinge um público mais amplo né deveria estar atuando um pouco com isso. Mas como ele ainda tá num nível que a gente acha muito incipiente, a gente ainda precisa turbinar ele pra ser essa ferramenta (Comunicação pessoal, ativista do Quem Luta Educa - Viçosa, Viçosa, 2019).

Em relação ao alcance e engajamento nas páginas, percebemos que os movimentos de Viçosa assumem uma posição de descontentamento, enquanto o MAB e o MST relatam estarem satisfeitos com os resultados que costumam obter. Porém, quanto a temas referentes a campanhas, todos acabam tendo altos níveis de alcance.

A dificuldade em envolver os seguidores das páginas para além das campanhas, reflete as limitações que o *Facebook* apresenta aos movimentos sociais. Os quatro entrevistados relatam estarem cientes desse processo e que é preciso, constantemente, profissionalizar os ativistas para realizar as postagens de uma maneira mais eficaz, no sentido de alcançar, informar e mobilizar mais pessoas para suas causas. Logo, junto a uma posição de descontentamento com o engajamento das *fanpages*, a apropriação da rede social se apresenta como um processo de aprendizado às ativistas e ao movimento social.

Nesse sentido, observamos ainda que a organização interna do MS reflete na forma como as redes sociais são administradas, conseqüentemente, os resultados alcançados a partir delas. Isto porque, movimentos que possuem funções bem delimitadas e uma estrutura eficaz, conseguem definir ativistas responsáveis pelo processo comunicativo. O MST Minas, por exemplo, possui uma ampla rede de comunicadores responsáveis por esse setor no movimento social. Esta, inclusive, foi a única interlocutora que não apresentou queixas sobre sobrecargas de funções dentro do movimento, o que acarreta deixar as redes sociais em segundo plano.

Antes não tinha ainda um coletivo do setor de comunicação consolidado, assim, estabelecido que nem hoje. Que nem hoje, tem mais de 100 comunicadores espalhados dos Sem Terra, mas a gente não tinha [...] ah, vai ter uma página no sul de minas? Então vai ter uma pessoa responsável por aquela página. Cê acaba formando grupos de militantes comunicadores naquela região, mas que vai dar conta, tanto de postar uma matéria significativa né, para aquela página, e ela mesma vai criando ideias, porque são novos núcleos de comunicadores né (Comunicação pessoal, ativista do MST Zona da Mata, Viçosa, 2019).

Já as outras interlocutoras relatam terem múltiplas funções dentro do movimento, o que impossibilita uma dedicação na administração da rede social, mas apontam planos para os

coletivos no sentido de promoverem melhorias, para que esta não seja uma fragilidade dentro do MS.

Estamos buscando profissionalizar cada vez mais, realizando formações sobre o assunto. No entanto, como temos poucas pessoas para muitas tarefas, entendemos que o *Facebook* não é prioridade máxima. Assim, seguimos realizando as postagens de forma não muito profissional até que consigamos uma condição melhor (Comunicação pessoal, ativista do MAB Minas, Viçosa, 2019).

Inicialmente a tarefa da página em si, não competia a mim. Mas a entidade, mesmo reunindo tanta gente, tantos sindicatos, tantos movimentos, a gente ainda tem uma dificuldade nos movimentos de modo geral, que é de organizar a nossa estrutura de comunicação. A nossa estrutura de comunicação ainda é amadora mesmo, a gente não tem gente profissional para fazer esse trabalho. [...] a gente tem tentado avançar nesse ponto, fizemos seminário do Quem Luta Educa aqui esse ano, com a organização no dia 23 de maio. Então a gente tentou no seminário [...] criar uma rede de comunicadores do Quem Luta Educa, mas ainda tamo tendo muita dificuldade de avançar nesse ponto. Então a tarefa da comunicação, nunca fui assim, o primeiro a pegar, mas à medida que você não tem pessoas que vão pegando, a corda vem escorregando e acaba chegando em alguém. [...] e acaba que com nossas muitas atribuições e pouquíssimo tempo, a gente tem postado muito menos do que a gente gostaria (Comunicação pessoal, ativista do Quem Luta Educa - Viçosa, Viçosa, 2019).

O que acontece é que a Marcha é dividida na esfera municipal, na estadual e na nacional. E dentro dessas divisões a gente tem o coletivo de comunicadoras. E aí eu era a comunicadora da Marcha de Viçosa, assim como a comunicadora estadual. Porque cada Núcleo manda uma comunicadora pro estadual pra formar o coletivo de comunicadoras estadual. Só que já que eu tenho muitas demandas no município, eu não tava dando conta de fazer esse trabalho virtual, até porque eu não tenho laptop, né. E aí gente começou a pensar na capacitação de outras mulheres para elas serem comunicadoras também. E aí vem outra mulher, que agora inclusive é a comunicadora do Quem Luta Educa (Comunicação pessoal, ativista da MMM Núcleo Viçosa, Viçosa, 2019).

Podemos notar ainda que as atuações no Quem Luta Educa e na MMM Núcleo Viçosa não são bem delimitadas, e as pessoas que realizam a comunicação em uma página, também a realizam na outra. A interlocutora da MMM, antes da entrevista, realizava este papel também no Quem Luta Educa. Além disso, através dos relatos, notamos que há outra ativista exercendo o papel de administração da página, nos dois movimentos<sup>19</sup>. O que acontece, por fim, são funções pouco delimitadas dentro dos movimentos, onde os papéis se confundem, diversas pessoas

---

19 Mesmo a Marcha, que também possui um coletivo de comunicadoras, não consegue destinar as pessoas para apenas essa atribuição.

passam a ser responsáveis pela atividade, o que gera um resultado insatisfatório para ambos os movimentos. A necessidade de capacitação para a construção das chamadas competências infocomunicacionais é um achado presente em pesquisas anteriores sobre internet e sociedade civil, a exemplo de Borges et. al. (2014: 194), sobretudo quando essas organizações pretendem se tornar “emissora[s] de conteúdos no ambiente virtual”.

Por fim, é preciso voltar às questões sobre estrutura e formação organizacional dos movimentos, que têm sido atravessadas pelos aplicativos de mensagens. Identificamos neste trabalho que os movimentos sociais fazem cada vez mais uso dessas ferramentas e que elas têm alterado a configuração desses movimentos, seja reduzindo reuniões presenciais, seja facilitando preparações para manifestações. Nesse sentido, é importante notar como um novo campo de estudos se abre e como é necessário que novas pesquisas apontem para essa direção, principalmente voltando o olhar para movimentos que concentram suas atuações fora dos grandes centros urbanos.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A apropriação da internet, em especial as redes sociais como o *Facebook*, vem facilitando a atuação e articulação dos mais diversos movimentos sociais, principalmente ao diminuir os custos de tempo e organização e viabilizar a difusão de informações em larga escala. Nesse sentido, há uma evidente preocupação da literatura sobre movimentos sociais acerca dos impactos dos usos da internet nas organizações coletivas. Este trabalho busca contribuir com esse campo de estudo ao propor a análise da presença digital de movimentos sociais em uma região do estado de Minas Gerais, com grande capacidade de mobilização.

Amparadas em estudos sobre ativismo e internet, classificamos, a partir de três fenômenos, as formas de atuação mais substanciais no uso do *Facebook* pelos movimentos. Nesse contexto, a rede social é utilizada pelos MS como uma ferramenta que possui o intuito de ampliar as lutas públicas encampadas pelo movimento à opinião pública em geral, a partir da construção de narrativas e disseminação de contrainformação, além da mobilização de pessoas para campanhas e eventos.

Há uma notável circulação de temas comuns entre as páginas que, de modo geral, apresentam baixo engajamento com os seguidores. Notamos ainda que os movimentos operam em relações endógenas, onde as próprias páginas dos movimentos, que formam redes, curtem e compartilham o próprio material. Além disso, a sobrecarga de funções entre ativistas faz com que o desempenho das *fanpages*, que exigem tempo e dedicação na administração, não seja de todo satisfatório aos movimentos.

Se o *Facebook* é destinado para que o discurso externo circule, como ferramenta utilizada na dimensão organizativa, os movimentos sociais fazem uso de plataformas de conversa protegidos por criptografias, com o intuito de manter a privacidade e segurança dos ativistas dos movimentos, ao tratarem principalmente de assuntos de cunho confidencial.

Por fim, as análises realizadas neste artigo apontam a necessidade de discussões mais ampliadas sobre comunicação digital no âmbito dos movimentos sociais, principalmente em cidades de pequeno porte e fora dos grandes centros urbanos, a fim de entender como as plataformas digitais impactam nos repertórios incorporados, nas estruturas organizativas e mecanismos para coordenação dos movimentos, além de compreender como podem colaborar na disseminação das reivindicações e lutas encampadas por eles.

## REFERÊNCIAS

- Alcântara, Lívia. 2015. Ciberativismo e movimentos sociais: mapeando discussões. *Aurora: revista de arte, mídia e política*, 8(23): 73-97.
- Alves, Marcelo. 2016. Abordagens da coleta de dados nas mídias sociais. Silva, T. Stabile, M. *Monitoramento e pesquisa em mídias sociais: metodologias, aplicações e inovações*. São Paulo: Uva Limão.
- Araújo, Willian. 2011. Ciberativismo: levantamento do estado da arte na pesquisa no Brasil. Florianópolis, Santa Catarina, V Simpósio Nacional ABCiber.
- Avritzer, Leonardo. 2012. Sociedade civil e Estado no Brasil: da autonomia à interdependência política. *Opinião Pública*, 18(2): 383-398.
- Bauer, Martin; Gaskell, George. 2002. *Pesquisa Qualitativa Com Texto, Imagem e Som: Um Manual Prático*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Borges, Jussara; Lessa, Bruna; Oliveira, Lídia. 2014. O papel dos sites de redes sociais nas estratégias comunicativas de organizações da sociedade civil de Salvador-Bahia-Brasil. *Observatorio (OBS\*)*, 8(3): 183-2013.
- Bittencourt, Maria Clara Aquino. 2017. Mídiação do ativismo e jornalismo digital: o impacto dos filtros do *Facebook* nos processos de produção e circulação de conteúdos de coletivos midiáticos. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, 12(22): 122-133.
- Bringel, Breno; Teixeira, Marco Antonio. Scherer-Warren, Ilse; Luchmann, Lígia. 2015. *Movimentos sociais e engajamento político: trajetórias e tendências analíticas*. Florianópolis: Editora da UFSC, p. 43-76.
- Castells, Manuel. 2003. *A Galáxia Internet: reflexões sobre a Internet, negócios e a sociedade*. Editora Zahar.
- Castells, Manuel. 2013. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar.

Cavalcante, Ricardo Bezerra; Calixto, Pedro; Pinheiro, Marta Macedo Kerr. 2014. Análise de conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. *Informação & Sociedade: Estudos*, 24(1): 13-18.

Delo, Cotton. Facebook admits organic reach is falling short, urges marketers to buy ads. *Ad Age*, 5 dez 2013. Disponível em: <<https://adage.com/article/digital/facebook-admits-organic-reach-brand-posts-dipping/245530>>. Acesso em: 25 nov 2019.

Gohn, Maria da Glória. 2010. *Movimentos sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Vozes.

Gohn, Maria da Glória. 2014. *Novas Teorias dos Movimentos Sociais*. São Paulo: Loyola.

Gomes, Wilson. 2005. A democracia digital e o problema da participação civil na decisão política. *Revista Fronteiras – Estudos midiáticos*, 7(3): 214-222.

Gomes, Wilson. 2016. 20 anos de política, Estado e democracia digitais: uma “cartografia” do campo. In: S. Silva; R. Bragatto e R. Sampaio (orgs.), *Democracia digital, comunicação política e redes: Teoria e Prática*. Rio de Janeiro: Folio Digital, Letra e Imagem, p. 39-76.

Luvizotto, Caroline Kraus. 2016. Cidadania, ativismo e participação na internet: experiências brasileiras. *Comunicação e Sociedade*, 30: 296-312.

Melucci, Alberto. 1987. Um objetivo para os movimentos sociais? *Lua Nova*, (7): 49-66.

Mendonça, Ricardo Fabrino. 2011. Comunicação e sociedade civil: interfaces e agendas. *Compólitica*, 1(1): 7-44.

Mendonça, Ricardo Fabrino. 2017. Singularidade e identidade nas manifestações de 2013. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, 66: 130-159.

Pereira, Marcus Abílio. 2011. Internet e mobilização política: os movimentos sociais na era digital. Rio de Janeiro, *Compólitica* 6, 4: 1-26.

Pereira, Marcus Abílio. 2012. Movimentos sociais e democracia: a tensão necessária. *Opinião Pública*, 18(1): 68-87.

Pimenta, Francisco J. Paoliello; Rivello, Ana Paula Avellar. 2008. Zapatismo e Ciberativismo: a busca de uma conexão perdida. Natal, Rio Grande do Norte, XI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

Prudencio, Kelly; da Silva Junior, José Geraldo. 2015. A Comunicação Política das micromobilizações na internet a partir da observação do hip hop em Curitiba. *E-Compós*, 18(2): 1-16.

Rigitano, Maria Eugenia Cavalcanti. Redes e ciberativismo: notas para uma análise do centro de mídia independente. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação. 2003. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/rigitano-eugenia-redes-e-ciberativismo>>. Acesso em: 30 de ago. 2019.

Ruskowski, Bianca et. al.. 2020. Tecnologias de Informação e Comunicação, Ativismo e Movimentos Sociais. *Compólitica*, 10(2), 43-84.

Sarmiento, Rayza; Viana, Lara. 2019. A pesquisa brasileira sobre ativismo político online: mapeamento de publicações em periódicos das áreas de Ciência Política e Comunicação (2000 a 2017). Brasília, VIII Congresso da Compólitica.

Sarmiento, Rayza. 2021. Ativismo Feminista Online: Mapeando eixos de atuação. *Revista Sul-Americana de Ciência Política*, 7(1): 19-37.

Sampaio, Rafael; Bragatto, Rachel; Nicolás, Maria. 2016. A construção do campo de Internet & Política: análise dos artigos brasileiros apresentados entre 2000 e 2014. In: S. Silva; R. Bragatto e R. Sampaio (orgs.), *Democracia digital, comunicação política e redes: Teoria e Prática*. Rio de Janeiro: Folio Digital, Letra e Imagem, p. 77-110.

Scherer-Warren, Ilse. 1987. *Movimentos Sociais: um ensaio de interpretação sociológica*. Florianópolis: Editora da UFSC.

Scherer-Warren, Ilse. 2006. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. *Sociedade e Estado*, Brasília, 21(1): 109-130.

Scherer-Warren, Ilse. 2005. *Redes de movimentos sociais*. São Paulo: Loyola.

Scherer-Warren, Ilse. 2014. Manifestações de rua no Brasil 2013: encontros e desencontros na política. *Caderno CRH*, Salvador, 27(71): 417-429.

Sebastião, Sônia; Elias, Ana Catarina. 2012. O ativismo like: as redes sociais e a mobilização de causas. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, 15(1): 61-70.

Silva, Sivaldo; Sampaio, Rafael; Bragatto, Rachel. 2016. Concepções, debates e desafios da democracia digital. In: S. Silva; R. Bragatto e R. Sampaio (orgs.), *Democracia digital, comunicação política e redes: Teoria e Prática*. Rio de Janeiro: Folio Digital, Letra e Imagem, p. 17-38.

Tatagiba, Luciana; Galvão, Andreia. 2019. Las protestas en Brasil en época de crisis (2011-2016). *Opinião Pública*, 25(1): 63-96.

Van Laer, Jeroen; Van Aelst, Peter. 2010. Internet and social movement action repertoires: Opportunities and limitations. *Information, Communication & Society*, 13(8): 1146-1171.

Recebido em: outubro de 2019  
Aprovado em: julho de 2021